

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA MARXISTA CLÁSSICA DO IMPERIALISMO

CRISTIANO MONTEIRO DA SILVAⁱ

Resumo: Nos trabalhos da teoria marxista clássica do imperialismo, especialmente o de Lênin (*Imperialismo, fase superior do capitalismo*), o imperialismo é analisado como expressão das mudanças na esfera social, econômica e política das sociedades capitalistas. Esse é ponto de partida para se entender os conceitos de capital financeiro, parasitismo econômico, exportações de capitais e as estratégias políticas no sistema mundial de Estados.

Palavras-chaves: Imperialismo, parasitismo, colonização.

Abstract: In the works of classical marxist theory of imperialism, especially the of Lenin (*Imperialism, the highest stage of capitalism*), imperialism is analyzed as an expression of changes in the social, economic and politics of capitalist societies. This is the starting point for understanding the concepts of financial capital, economic parasitism, exports of capital and political strategies in the global system of states.

Keywords: Imperialism, parasitism, colonization.

As primeiras décadas do século XX mostraram novos elementos da vida social capitalista. Talvez o mais significativo tenha sido o processo que levou ao surgimento dos grandes monopólios e a conseqüente montagem de um sistema mundial de Estados baseado em exploração e conflitos.

Os fenômenos objetivos, muitas vezes, são responsáveis por mudanças na situação política entre as classes sociais. A primeira grande guerra (1914-1918) teve um significado importante sobre o destino da luta de classes, em nível mundial, basicamente por dois motivos. O primeiro deles é que o problema deixava de ser mera abstração das obras dedicadas ao fenômeno do imperialismo para tornar-se um fato objetivo que alterava o modo de vida dos oprimidos, exigindo, portanto, não somente palavras, mas ações concretas no sentido da organização resistente. O segundo motivo foi que o conflito bélico entre as potências capitalistas confirmava o processo de disputa do globo conforme seus respectivos interesses.

Essa guerra foi um dos elementos determinantes para a cisão da Segunda Internacional Comunista. Naquele tempo, Kautsky¹, seu representante mais ilustre, frente ao contexto da guerra, passou a defender uma caracterização

política que essencialmente demarcava o imperialismo como uma deformação temporária do processo civilizatório do capitalismo mundial (ROIO, 2007). Para esse autor, em resumo, o imperialismo é visto como expressão da concorrência entre trustes nacionais, que formou países mais desenvolvidos, cuja política externa consiste em anexações de regiões menos desenvolvidas, principalmente as regiões agrárias. O esforço para dominar e manter as regiões agrárias trouxe grandes conflitos entre as potências imperialistas (KAUTSKY, 1914).

Desse modo, o nacionalismo podia ser visto como garantidor do progresso econômico em determinados países, fazendo avançar as contradições do capitalismo mundial, até a chegada de uma nova etapa, para Kautsky (1914) denominada como fase do Ultraimperialismo, na qual as condições objetivas para a revolução socialista estariam maduras.

A tese do Ultraimperialismo, formulada por Kautsky (1914), essencialmente, explica que o imperialismo representa a economia política do capital financeiro, tendo por objetivo a anexação de regiões agrárias menos desenvolvidas, ou seja, transmite a ideia positiva de um desenvolvimento capitalista controlado pelas grandes potências, em que as contradições poderiam ser contornadas dentro da ordem burguesa. De certa maneira, pregava-se a possibilidade de uma concorrência capitalista harmônica entre as nações imperialistas. As deformações eram temporárias e seria possível a

¹ Lênin (1986) afirma que Kautsky expressava uma corrente ideológica internacional que contava com a participação de outros líderes da II Internacional, por exemplo, Plekhanov, Otto Bauer, dentre outros. No entanto, em consonância com os objetivos deste texto, apóia-se nas referências que Lenin faz a Kautsky.

combinação pela exploração financeira conjunta do mundo.

Esse conteúdo pode ser visto nas suas caracterizações da época imperialista, bem como nas interpretações dos fenômenos objetivos daquela etapa histórica.

A tese de Kautsky (1914) foi muito criticada pela corrente revolucionária² que se forjou no contexto das primeiras décadas do século XX, para a qual o imperialismo seria determinado pelos monopólios e exportações de capitais, constituindo uma nova fase da acumulação capitalista, na qual a concorrência capitalista, comandada por grandes trustes, tornou-se mais contraditória e internacionalizada.

A análise do debate feito entre a corrente revolucionária e os expoentes da Segunda Internacional Comunista, principalmente Karl Kautsky, torna-se fundamental porque expressa os passos revisionistas de parcela importantes dos militantes políticos da classe trabalhadora, em nível mundial, no contexto das primeiras décadas do século XX. Foi justamente o combate político e a defesa teórica dos revolucionários que permitiu a interpretação que gerou as bases para o acontecimento da Revolução Russa, em 1917, determinando novos ventos para o século XX.

Para Bukharin (1984), um dos erros da tese do ultraimperialismo é apoiar-se numa suposta futura igualdade econômica e política entre a grande burguesia e os Estados dominantes e assim defender uma fusão universal dos países imperialistas.

Essa ideia despreza por absoluto o conhecimento científico sobre o movimento desigual e combinado que comanda o desenvolvimento do capitalismo mundial. Os distintos países e seus setores produtivos reservam condições adversas.

Por isso, mesmo admitindo-se a existência de estruturas econômicas mais ou menos idênticas, se houver entre os trustes capitalistas nacionais uma sensível diferença no tocante as forças militares, o mais forte terá mais interesse em continuar a luta do que em participar de um acordo ou de uma fusão (BUKHARIN, 1984, p.131).

Para Lênin (1986), o erro fundamental de Kautsky (1914), e pode-se dizer que também da Segunda Internacional Comunista, foi o de separar a política do imperialismo de sua base econômica, como se fosse possível haver uma política não monopolista para uma base econômica monopolista.

² Foi uma vertente política que se forjou nas primeiras décadas do século XX e consolidou-se a partir dos acontecimentos da Revolução Russa (1917) e as formas de organização do Partido Bolchevique. Os principais autores desse campo são Lênin (1870-1924), Bukharin (1888-1938) e Rosa de Luxemburgo (1871-1919).

Aliás, diga-se de passagem, ele faz uso desse método para analisar muitos outros trabalhos sobre o imperialismo.

O imperialismo é produto do desenvolvimento das contradições do capitalismo e essas contradições não foram resolvidas ou amenizadas, pelo contrário, foram elevadas ao nível de decomposição. O capitalismo em sua fase monopolista sofre uma decomposição e é equivocado desconsiderar esse fato quando se analisa a luta política estratégica entre as nações dominantes pelo domínio das riquezas.

Para Lênin (1979), nesse sentido, não seria correto atribuir à guerra (1914/1918) o menor pretexto de interesse nacional. Seu método de análise não se baseou nas relações diplomáticas, mas na situação objetiva das classes dirigentes dos países beligerantes. A guerra é imperialista, espoliadora e antiproletária, produto inevitável do capitalismo que gerou a dominação do capital financeiro. Tratava-se dos traços fundamentais da luta interburguesa, tendo por estratégia a divisão do mundo e o domínio das riquezas. A guerra é inevitável enquanto perdurar o sistema mundial de Estados fundado nas relações imperialistas.

Assim, considerava criminoso a participação política na guerra, sob qualquer forma. O desafio era cumprir as tarefas políticas no sentido de se preparar para a situação revolucionária³ que seria aberta por decorrência da guerra imperialista.

Lênin (1986) preocupou-se com a análise das raízes sociais e históricas que sustentavam a posição nacional oportunista da Segunda Internacional Comunista, tendo Kautsky como principal expoente. O fenômeno do imperialismo trouxe mudanças substanciais na estrutura social dos países capitalistas mais avançados. A camada social da aristocracia operária, naquele momento composta por funcionários de alto escalão das grandes empresas e do Estado, assumiam interesses materiais e concretos na aliança com as respectivas burguesias nacionais que reservavam migalhas dos lucros obtidos com a exploração da periferia do sistema.

Para Lênin (1986, p. 585),

Essa camada de operários aburguesados ou de “aristocracia operária”, inteiramente pequenos burgueses pelo seu gênero de vida, pelos seus

³ Trata-se de uma alteração objetiva determinante para a revolução socialista. Lênin (1979) apresentou três pontos que considerava fundamentais para a definição de uma situação revolucionária. “1) impossibilidade para as classes dominantes manterem sua dominação de forma inalterada [...] 2) agravamento, além do comum, da miséria e da angústia das classes oprimidas; 3) desenvolvimento acentuado, em virtude das razões indicadas acima, da atividade das massas, que se deixam, nos períodos pacíficos, saquear tranquilamente, mas que, em períodos agitados, são empurradas tanto pela crise no seu conjunto como pela própria cúpula, para uma ação histórica independente” (Lênin, 1979, p.27-28).

vencimentos e por toda a sua concepção do mundo, constitui o principal apoio da II Internacional e, hoje em dia, o principal apoio social (não militar) da burguesia.

Ao final do século XIX, países como Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos tinham uma estrutura social dominada por grandes monopólios capitalistas. O fenômeno objetivo do imperialismo influenciava a vida social em todos os sentidos. A estratégia revolucionária das organizações políticas da classe trabalhadora passou a depender da correta caracterização que se fazia desse fenômeno.

A teoria marxista clássica do imperialismo reúne trabalhos de muitos autores (LENIN, 1986; HILFERDING, 1985; ROSA DE LUXEMBURGO, 1985; BUKHARIN, 1984), e foi produzida nas primeiras décadas do século XX.

Entre os vários marxistas que analisaram o fenômeno do imperialismo no contexto dos primórdios do século XX, entende-se que Lênin (1986), em seu livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, é quem faz uso de um método que incorpora a análise sistêmica do processo de concentração da riqueza e as implicações econômicas, sociais e políticas da nova condição estrutural da sociedade burguesa. Neste sentido, na parte seguinte, buscar-se-á refletir suas idéias fundamentais.

Entre todas as questões, sugere-se ao leitor a reflexão de que a interpretação de Lenin, contida no livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, além da oferta de importantes categorias teóricas novas para o pensamento marxista, foi de fundamental importância para a prática política e organizativa da classe trabalhadora, determinando novos rumos para o século XX.

2. IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO

O livro de Lênin (1986) foi produzido no clima da primeira guerra mundial, sob uma forte censura política imposta pelo regime czarista, vigente na Rússia. As dificuldades não foram poucas e a análise concentrou-se na essencialidade econômica e social, tendo por objetivo subsidiar a luta política internacional dos trabalhadores e, sobretudo, combater posições revisionistas e reformistas então semeadas pela Segunda Internacional, principalmente as vindas do Partido Social-Democrata da Alemanha, cujo principal teórico era Karl Kautsky.

A mencionada obra pode ser dividida em duas grandes partes. Na primeira, o autor analisa a dimensão social do processo de concentração e centralização de capitais que deu origem aos monopólios, grandes empresas, trustes, enquanto

organizações da classe capitalista, e as conseqüentes novas formas de concorrência capitalista conduzida por uma classe social organizada fortemente e concentrando as forças produtivas. A esse respeito pode-se considerar seus conceitos de monopólios e capital financeiro. A segunda parte explora as formas superestruturais da fase monopolista, discute a constituição do sistema mundial de Estados fundado sob a dominação dos países desenvolvidos e a conseqüente exploração dos países caracterizados pelo autor como coloniais e semi-coloniais⁴. Nesse ponto, tem-se como exemplo a supremacia da exportação de capitais frente ao intercâmbio comercial, a divisão internacional do trabalho baseada na dependência dos países semicoloniais e coloniais, a exploração dos trabalhadores e forças produtivas, no sentido da extração do excedente econômico, e a colonização enquanto estratégia política do imperialismo. Enfim, Lênin (1986) revela um método de análise que considera a dimensão social e política de uma base econômica monopolista.

As primeiras páginas de Lênin (1986) são dedicadas a constituição da base econômica monopolista. Sua investigação científica baseou-se na situação concreta da Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra e França, países que passavam por um forte processo de concentração de riquezas. A percepção que alcançou é que os monopólios já estavam presentes e controlando parcela importante das forças produtivas. “O enorme incremento da indústria e o processo notavelmente rápido de concentração da produção em empresas cada vez maiores constituem uma das particularidades mais características do capitalismo” (LENIN, 1986, p. 586).

Lênin (1986) procurou decifrar as origens e os elementos históricos determinantes dos monopólios, visto por ele como um fenômeno muito significativo ao desenvolvimento do capitalismo mundial. O processo de constituição dos monopólios deu salto qualitativo após a grande crise capitalista de 1873⁵. Nas primeiras décadas do século XX já representavam a base econômica dos países acima citados. Segundo Lênin (1986), o resumo da história dos monopólios é:

1) Décadas de 1860 e 1870, o grau superior, culminante, de desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não constituem mais do que germes quase imperceptíveis. 2) Depois da crise de 1873,

⁴ Na formulação de Lenin (1986), os países semi-coloniais gozam de certo nível de independência política, mas são dependentes do capital financeiro internacional, sob diversos aspectos. E no caso dos países coloniais, essencialmente, inexistente tal independência política.

⁵ Essa caracterização de Lênin é muito relevante para a compreensão de seu conceito de imperialismo. De seu ponto de vista, ocorreu um salto de qualidade no processo de concorrência capitalista levando a constituição de uma nova base econômica, constituída por grandes organizações capitalistas. A partir disso, como se verá mais a frente, define como uma nova fase do sistema capitalista.

longo período de desenvolvimento dos cartéis, os quais constituem ainda apenas uma exceção, não são ainda sólidos, representando ainda um fenômeno passageiro. 3) Ascenso de fins do século XIX e crise de 1900 a 1903: os cartéis passam a ser uma das bases de toda a vida econômica. O capitalismo transformou-se em imperialismo” (LENIN, 1986, p. 591).

O imperialismo é caracterizado como uma fase do desenvolvimento capitalista, em que a livre-concorrência transformou-se em capitalismo monopolista, determinando novas formas políticas.

As políticas do imperialismo vinculam-se às condições objetivas da acumulação dos grandes monopólios, ou seja, da base econômica monopolista. A concentração de riquezas transcende a esfera da produção e opera também no campo das determinações políticas, em nível mundial. O método empregado considera as relações diversas entre a superestrutura política e a estrutura social baseada nos grandes monopólios.

A política das grandes nações consiste na dominação não somente das economias menos desenvolvidas, regiões agrárias, mas também das industrializadas. A concorrência capitalista ocorre também entre as nações imperialistas pela disputa das riquezas externas e, portanto, carrega a tendência de violência e reação.

Lenin (1986, p.642) apresenta a seguinte síntese sobre o imperialismo:

O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes.

Desse modo, convém ressaltar, o imperialismo não é somente a tendência para a expansão ou conquista de mercados estrangeiros, mas expressa as mudanças que ocorreram na esfera política, econômica e social dos países capitalistas avançados, que tem início no último quartel do século XIX. São as relações recíprocas do processo de concentração da produção e riqueza, enquanto antítese da fase de livre-concorrência, que determinaram uma nova condição estrutural à burguesia, isto é, o capitalismo monopolista. “O que agora há de considerar é, interpretado no sentido referido, o Imperialismo representa em si, indubitavelmente, uma fase particular de desenvolvimento do capitalismo” (LENIN, 1986, p. 642). Portanto, o método incorpora uma análise sistêmica.

2.1. CAPITAL FINANCEIRO

O processo histórico da concentração capitalista fortaleceu as condições objetivas da

burguesia, que passou a centralizar volume maior de capitais. Os bancos passaram a controlar somas maiores do capital monetário e as operações no mercado de capitais. A burguesia financeira deixava de cumprir o papel de simples auxiliar do papel das empresas, de financiadora dos projetos da indústria, para encarnar o capital produtivo enquanto proprietária. Uma configuração específica da acumulação capitalista, na qual o crédito assumia papel fundamental na interconexão com o capital industrial, no contexto de uma concorrência capitalista monopolista.

O processo de concentração da produção, baseado em relações sociais capitalistas, fez crescer a dependência da indústria em relação aos grandes bancos e a necessidade dos bancos aplicarem na indústria, criando as bases para o que se pode definir como uma aliança econômica. Nas primeiras décadas do século XX, tal relação crescia e podia ser notada principalmente nos países centrais. A esse respeito, Lenin (1986, p.606) esclarece que,

Simultaneamente, desenvolve-se, por assim dizer, a união pessoal dos bancos com as maiores empresas industriais e comerciais, a fusão de uns com as outras mediante a posse de ações, mediante a participação dos diretores dos bancos nos conselhos de supervisão (ou de administração) das empresas industriais e comerciais, e vice-versa.

Hilferding (1985), um dos expoentes da teoria marxista clássica do imperialismo, apoiou-se em categorias de análise contidas na obra de Marx (1988) e investigou o processo de concentração capitalista, dedicando atenção especial ao papel dos bancos, o funcionamento das sociedades anônimas e bolsas de valores e as formas de valorização fictícia do capital. O autor desenvolveu o conceito de capital financeiro.

Chamo de capital financeiro o capital bancário, portanto, o capital em forma de dinheiro que, desse modo, é na realidade transformado em capital industrial. Mantém sempre a forma de dinheiro ante os proprietários, é aplicado por eles em forma de capital monetário – de capital rendoso e sempre pode ser retirado por eles em forma de dinheiro. Mas, na verdade, a maior parte do capital investido dessa forma nos bancos é transformado em capital industrial, produtivo (meios de produção e força de trabalho) e imobilizado no processo de produção. Uma parte cada vez maior do capital empregado na indústria é o capital financeiro, capital a disposição dos bancos e, pelos industriais (HILFERDING, 1985, p. 219).

A parte do capital bancário que é investido na indústria, que a controla, quer seja através da propriedade de ações, da participação de representantes bancários nos conselhos de administração, ou mesmo de forma indireta, através da criação de holdings etc.

Lênin (1986) faz uso do conceito de capital financeiro cunhado por Hilferding (1985). No entanto, explica que na determinação desse conceito torna-se fundamental considerar o processo de concentração da produção que gerou as bases para as fusões entre os grandes capitalistas e o novo papel do capital bancário, na forma organizativa das grandes empresas, trustes, os ditos monopólios, vistos sob as bases de uma nova fase do sistema capitalista, uma condição estrutural qualitativamente diferente da fase de livre-concorrência. “Concentração da produção, monopólios que resultam da mesma; fusão ou junção dos bancos com a indústria; tal é a história do aparecimento do capital financeiro e daquilo que esse conceito encerra” (LÊNIN, 1986, p. 610).

Nota-se que Lênin (1986) explica a categoria teórica de capital financeiro como a interpenetração entre o capital bancário e industrial, prevalecendo o domínio do primeiro, e sob a forma de organização de grandes empresas, trustes, cartéis, ou seja, os monopólios. Em várias passagens do texto ele leva em consideração a base econômica, a organização burguesa das grandes empresas, trustes, e uma dimensão social que expressa a junção dos grandes capitalistas e a concentração das forças produtivas.

À primeira vista, não aparece uma explicação do capital financeiro partindo de uma forma específica de organização burguesa que expresse o domínio *exclusivo* e absoluto da burguesia monetária. Os diversos exemplos observados em Lenin (1986) explicam a concentração da riqueza em poucos grandes capitalistas. Isso serve para a demonstração das grandes empresas, dos grandes bancos, os trustes, todos contando com a participação de alguns grandes capitalistas como proprietários e atuando em vários setores da vida econômica, ou seja, centralizando os distintos aspectos da vida social. Essa é a base econômica com a qual Lênin caracterizava as políticas imperialistas

O monopólio, uma vez que foi constituído e controla milhares de milhões, penetra de maneira absolutamente inevitável em todos os aspectos da vida social, independentemente do regime político e de qualquer outra particularidade (LENIN, 1986, p. 618).

Portanto, o capital financeiro significa a interpenetração do capital bancário com o capital industrial, sob o domínio do primeiro, constituindo organizações burguesas de caráter monopolistas, diferentes daquelas em que se predomina o domínio das formas específicas de capital industrial e capital comercial.

As formas são diversas, mas em essência não há outras categorias especiais de capital

financeiro que não expressem o processo de concentração das forças produtivas. A relação entre os bancos e a indústria, esta última entendida como o lugar onde se produz a mais-valia, é a síntese de tal processo.

A base econômica monopolista deve ser considerada na análise das contradições imperialistas. Ou seja, não se explica os fenômenos da fase imperialista considerando exclusivamente o papel de uma fração da grande burguesia. É importante considerar como uma *fase em decomposição e parasitária* do capitalismo mundial.

No mesmo sentido, não se observa citações sobre a possibilidade de que na fase monopolista possa haver um capitalismo exclusivamente produtivo ou mesmo um capitalismo exclusivamente financeiro. Segundo Lênin (1986), foi justamente a concentração e centralização de capitais que determinaram a fase monopolista, enquanto antítese da livre-concorrência, uma nova fase, particular, na qual as contradições assumiram patamar superior.

Logo, ao considerarmos a dimensão social do grande capital e a base econômica monopolista, poucos burgueses incorporam o capital monetário e também o industrial. O burguês da indústria atua na especulação financeira. As formas de organização baseadas nas grandes empresas, holdings, trustes, sociedades anônimas, expressam esse conteúdo de classe. Essa base econômica deve ser considerada na análise das condições imperialistas.

A partir do século XX, o capital financeiro se impôs frente às formas específicas de capital industrial e ou capital comercial. Tendo o controle das forças produtivas passou a exercer o domínio sobre a produção das mercadorias e sua circulação, o destino político de muitas sociedades, enfim, os distintos aspectos da vida social. “O século XX assinala, pois, o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro” (LÊNIN, 1986, p.610).

2.2. O CARÁTER PARASITÁRIO DO CAPITALISMO MONOPOLISTA

Em Lênin (1986), a ideia de parasitismo do capitalismo aparece em primeiro lugar como resultado das contradições sociais e políticas de uma base econômica monopolista. Ele faz uso da ideia de socialização da produção para mostrar o controle de poucas grandes empresas sobre o coletivo da força de trabalho, do conceito de combinação que aclara o número reduzido de grandes empresas, a formação de trustes e o sentido da concorrência, a situação produtiva e financeira noutra nível. Nota-se uma preocupação inicial em entender o

fenômeno dos monopólios. Nas palavras de Lenin (1986, p. 649)

A base econômica mais profunda do imperialismo é o monopólio. Trata-se do monopólio capitalista, isto é, que nasceu do capitalismo e que se encontra no ambiente geral do capitalismo, da produção mercantil, da concorrência, numa contradição constante e insolúvel com esse ambiente geral. Mas, não obstante, como todo o monopólio, o monopólio capitalista gera inevitavelmente uma tendência para a estagnação e decomposição.

A concorrência monopolista materializa um sistema de *preços* que freia o desenvolvimento das forças produtivas. Ocorre que, para alcançar o superlucro, as grandes empresas precisam reduzir o volume de capital despendido na produção de mercadorias (custos), porém, como são plantas produtivas de elevada composição orgânica, intensivas em capital, a formação bruta de capital fixo necessária para a redução dos custos, conforme a lógica do capital torna-se cara e impraticável em determinadas situações das relações sociais.

Lênin (1986) explica outra situação em que a elevada composição orgânica do capital na fase monopolista traz limites econômicos à execução de novos projetos de investimentos. Segundo o autor:

Por um lado, a concentração determinou o emprego de enormes capitais nas empresas, por isso, as novas empresas encontram-se perante exigências cada vez mais elevadas no que se respeita ao volume de capital necessário, e esta circunstância dificulta o seu aparecimento. Mas, por outro lado (e este consideramo-lo o mais importante), cada nova empresa que queira manter-se ao nível das empresas gigantes criadas pela concentração representa um aumento tão grande da oferta de mercadorias que a sua venda lucrativa só é possível com a condição de um aumento extraordinário da procura, pois, caso contrário, essa abundância de produtos faz baixar os preços a um nível desvantajoso para a nova fábrica e para as associações monopolistas (LÊNIN, 1986, p.589).

Muitas vezes os monopólios optam pelo controle dos preços ante a aplicação de novas técnicas. São formas de acumulação capitalista na qual o excedente de capital não encontra condições rentáveis de valorização na atividade produtiva, fato mais marcante nas economias capitalistas mais desenvolvidas.

Portanto, na obra do Lênin (1986), as ideias sobre o excedente de capital e as distintas formas parasitárias de valorização capitalista são vistas por meio de relações com as contradições da acumulação monopolista. Como tendência, prevalece a concentração de um excedente de capital nas mãos de grandes capitalistas e condições estruturais de reprodução ampliada desse excedente são cada vez mais contraditórias e conflituosas.

Em nível mundial, o desenvolvimento desigual e combinado que marca o capitalismo permite a concentração do excedente de capital em poucos países. De um lado formam-se os exportadores líquidos de capitais e, de outro, os países dependentes e demandantes desse capital.

A concentração da riqueza passa a depender cada vez mais da extração do trabalho excedente dos países dominados, feita de várias formas. Os países centrais atuam como Estados rentistas. Lênin (1986) conceitua o Estado rentista conforme segue:

O Estado-rentier é o estado do capitalismo parasitário e em decomposição, e esta circunstância não pode deixar de se refletir, tanto em todas as condições políticas e sociais dos países respectivos em geral, como nas duas tendências fundamentais do movimento operário em particular (LÊNIN, 1986, p. 651).

Portanto, compreende-se que o caráter parasitário não se explica somente pela particularidade da oligarquia financeira, que concentra o excedente de capitais em suas mãos. Também é necessário considerar as condições estruturais da concorrência capitalista em sua fase superior, a monopolista. Os monopólios concentram as forças produtivas. Dado o grande volume de capital, cria-se a necessidade de aumento da taxa de mais-valia para o alcance da taxa de lucro média satisfatória. Mas o capital encontra pela frente relações sociais de produção capitalista em sua fase monopolista. Neste contexto, as relações imperialistas tornam-se fundamentais.

2.3 EXPORTAÇÃO DE CAPITAIS

As exportações de capitais não podem ser apreciadas sob a ótica exclusivamente econômica. Devem ser percebidas como exportação de relações sociais de produção capitalista. Explica-se a partir de duas contradições inerentes ao desenvolvimento do capitalismo monopolista: a existência de um excedente de capital e o parasitismo que se aprofunda numa relação direta com o desenvolvimento do capitalismo monopolista.

Para Lênin (1986), as exportações de capitais são um fenômeno novo, típico da fase imperialista, característico do momento histórico na qual o capital financeiro implantou suas formas de dominação em nível mundial.

O imperialismo capitalista pode alcançar seus objetivos sem mesmo fazer uso intensivo dos meios militares, do domínio territorial, desde que haja condições sociopolíticas compatíveis com o projeto imperial. Os meios econômicos e financeiros constituem verdadeiras ferramentas de extração do trabalho excedente. Foi seguindo os passos das exportações de capitais que Lenin (1986)

apreendeu sobre as distintas formas de exploração vistas nas sociedades capitalistas, na fase imperialista.

As exportações de capitais criam relações internacionais de caráter antagonístico e de exploração da riqueza dos países dominados. Em Lenin (1986), é possível considerar o sentido dos conceitos de países semi-coloniais e coloniais e sua análise sobre a divisão do mundo demonstrada ser em favor dos países imperialistas.

Para Lenin (1986, p. 622),

Enquanto o capitalismo for capitalismo, o excedente de capital não é consagrado à elevação do nível de vida das massas do país, pois significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas ao aumento desses lucros através da exportação de capitais para o estrangeiro, para os países atrasados.

É certo que em Lênin (1986) também se encontram passagens nas quais se lê que as exportações de capitais são servientes ao desenvolvimento do capitalismo dos países receptores. Por exemplo: “a exportação de capitais repercute-se no desenvolvimento do capitalismo dentro dos países em que são investidos, acelerando-o extraordinariamente” (LÊNIN, 1986, p.622). Mas é explícito que se trata de desenvolvimento capitalista, portanto, ao se recuperar o sentido da obra e os instrumentos conceituais firmados ao longo do texto, sem dúvida trata-se de um processo de contradição e exploração.

Lênin (1986) construiu sua análise associando as contradições inerentes ao desenvolvimento da fase monopolista à internacionalização do capitalismo. Em síntese, o capital financeiro controla o processo de acumulação e através das exportações de capitais aumentam seus domínios em regiões externas. Isso cria constantemente novas divisões internacionais do trabalho, sempre determinadas pelo domínio dos países imperialistas sobre economias definidas como semi-coloniais e coloniais. As grandes potências dividem o mundo de acordo com os interesses, tendo por objetivo estratégico o comando absoluto das forças produtivas externas.

O excedente de capital em poder dos países imperialistas destina-se à periferia do sistema em busca da extração do excedente e do superlucro. As relações comerciais cedem lugar às exportações de capitais que surgem como um elemento basilar da acumulação capitalista. “O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital” (LÊNIN, 1986, p. 621).

As exportações de capitais funcionam como um aditivo da acumulação dos grandes capitalistas na medida em que encontra novos espaços para obtenção de lucros e fundam a acumulação capitalista mundial e o sistema mundial de Estados baseado em relações imperialistas.

2.4 IMPERIALISMO E COLONIZAÇÃO

O imperialismo é produto das contradições do capitalismo em sua fase monopolista. Observa-se a concentração de diferentes setores econômicos sob o domínio do capital financeiro, em nível mundial.

As exportações de capitais feitas pelos países imperialistas respondem à estratégia política da colonização. O conceito de política colonial de Lenin (1986) não pode ser apreendido como simples demarcação de território. Seu método leva em consideração o conteúdo das lutas de classes e não os aspectos da forma. A dominação pode aparecer pacificamente ou algumas vezes de forma truculenta, mediante guerra. A história está cheia de exemplos.

Os capitalistas partilham o mundo não porque desejam e possuem perversidade, mas porque chegado ao nível de desenvolvimento econômico precisam para obter mais lucros. A forma da partilha pode ser mediante força (militar) ou meramente econômica (LÊNIN, 1986, p. 631).

A fase imperialista, em que prevalece a concorrência internacional entre as organizações capitalistas nacionais, não pode ser concebida sem as guerras. “O domínio do capital financeiro pressupõe o imperialismo e o militarismo. Nesse sentido, o militarismo é um fenômeno histórico tão típico quanto ao capital financeiro” (BUKHARIN, 1984, p.120). Os orçamentos militares das nações mais desenvolvidas também crescem como maneira de fortalecer os exércitos. Mas não é a simples existência dos exércitos que faz aumentar os conflitos. A concorrência monopolista é quem obriga tais investimentos bélicos e guerras entre as nações.

Enfim, convém frisar que o método de Lênin (1986) incorpora uma análise sistêmica. O imperialismo não representa somente as políticas externas para satisfazer as necessidades do excedente de capital em poder dos países centrais. Expressa as mudanças que ocorreram na esfera política, econômica e social da grande burguesia dos países capitalistas avançados. São as relações recíprocas do processo de concentração da produção e riqueza, enquanto antítese da fase de livre-concorrência, que determinaram uma nova condição estrutural a burguesia, isto é, o capitalismo monopolista, e as expressões de suas contradições,

marcadas por contradições e exploração. Esse é o primeiro passo para se entender a estratégia política de colonização.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os trabalhos clássicos da teoria marxista clássica do imperialismo têm como ponto de partida o capitalismo monopolista e analisam o essencial de suas contradições, tais como: a supremacia dos monopólios na concorrência, o papel dominante do capital financeiro sobre as forças produtivas, as exportações de capitais como contratendência à tendência de declínio da taxa média de lucro, o controle de riquezas externas, o parasitismo e a condição especulativa, o rentismo associado principalmente aos países centrais, o sistema mundial de Estados que consagra, no plano político, as relações de opressão e exploração no plano mundial.

Não houve substituição das classes sociais fundamentais e tampouco do caráter de exploração e contraditório das relações entre elas. Ocorreu uma mudança na sua composição de classe em si e classe para si, determinando uma nova economia política. O pensamento marxista analisou as formas relacionadas a tal condição estrutural. Há concentração da riqueza em poucos burgueses. O aumento das contradições relacionadas ao processo de acumulação situado em uma condição estrutural monopolista. A necessidade da exportação de capital e a montagem de um sistema mundial de Estados asseguram as condições políticas da divisão internacional do trabalho em favor dos grandes capitalistas.

O ponto central é entender que o conceito de fase imperialista pressupõe a junção de todos esses elementos objetivos, evidentemente, refletidos a partir da rica totalidade que envolve as relações internacionais, considerando os sujeitos sociais e seu tempo histórico.

A interpretação revolucionária sobre o imperialismo abriu caminhos para a tomada do poder político pelos trabalhadores, isto é, a Revolução Russa de 1917 e a construção da Terceira Internacional Comunista, enquanto organização internacional dos trabalhadores. Portanto, trata-se de um legado importante para os trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BUKHARIN, N. I. (1984). *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo: Abril Cultural.

HILFERDING, R. (1985). *O Capital financeiro*. São Paulo: Nova Cultural.

HOBSON, J. A. (1981). *Estudio del imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial.

KAUTSKY, K. (1914). *Imperialism and the war*. Disponível em: <WWW. Marxists.org >. Acesso em: 11 de outubro de 2008.

_____. (1914). *Ultra-imperialism*. Disponível em: <WWW. Marxists.org >. Acesso em: 11 de outubro de 2008.

LENIN, V. I. (1986). *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Alfa Omega.

_____. (1979). *A falência da II internacional*. São Paulo: Kairós.

LUXEMBURGO, R. (1985). *Acumulação de capital*. São Paulo: Nova Cultural.

_____. (1955). *The Marxist Theory of Imperialism and its critics*. Disponível em: <www.marxists.org.br>. Acesso: em 10 de janeiro 2009.

MARTINS, C. E. (2009). A superexploração do trabalho e a economia política da dependência. In: MARTINS, C. E. & VALENCIA, A. S. (Ogs). *América Latina e os desafios da Globalização*. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Boitempo Editorial.

ROIO, M. D. (2007). Breve nota sobre a teoria do imperialismo (1902 -1916). *Novos Rumos*. São Paulo, n.47, p.16-29.

ⁱ Economista do ILAEE – Instituto Latinoamericano de Estudos Socioeconômicos. Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP.